

RELIGIOSIDADE POPULAR, LUTA E RESISTÊNCIA: LEGADO CULTURAL QUE PERDURA HÁ 100 ANOS

Popular Religiosity, Struggle and Resistance: Cultural legacy that has lasted for 100 years.

Eline Farias da Silva¹
Daiane Cirilo de Souza²

Recebido em: dezembro de 2018

Aceito e publicado em: dezembro de 2019

Resumo: Este artigo apresenta uma perspectiva da formação do território enquanto espaço da vida cotidiana, na qual se manifestam as mais diversas relações de poder. Tem como objetivo analisar os aspectos culturais da religiosidade popular, ligadas a crença nos Monge João Maria, e suas relações enquanto forma de luta e resistência para preservar a identidade territorial. Através das imagens apresentadas dos espaços sagrados, procura-se refletir como essas influências religiosas seculares, estão presentes na atualidade e se perpetuaram através da transmissão da cultura oral. Este artigo é resultado de pesquisa bibliográfica e trabalho de campo. Apresenta o conceito de território ligado as diversas relações que o compõem, na qual, opondo-se ao de poder hegemônico, consequentemente se desdobra em formas de luta e resistência. Neste contexto de formação territorial, enquanto espaço de luta e resistência, temos as representações culturais e simbólicas do monge José Maria, em quanto curandeiro, conselheiro e profeta, que mobiliza lideranças para a guerra do contestado. O cotidiano presente, através desses espaços históricos, na figura do monge João Maria e nas águas santas, levam a crenças que duram mais de cem. Na qual, vê-se a força dessa cultura, transmitida pela oralidade do povo caboclo, através da fé no Monge, que se configura como uma forma de resistência. Mostra que o espaço concreto que lhes é negado, se materializa na construção da simbologia da religiosidade popular.

Palavras chave: Território, contestado, resistência

Abstract: *This article presents an overview of the formation of the territory as an area of everyday life, in which manifest the various power relations. Aims to analyze the cultural aspects of popular religiosity, linked to belief in the Monk Jean-Marie, and their relationship as a form of struggle and resistance to preserve the local identity. Through the images presented of sacred spaces, seeks to reflect how these religious secular influences, are present today and if perpetuated through the transmission of oral culture. This article is the result of bibliographical research and field work. Introduces the concept of territory connected the various component relationships, in which, opposing the hegemonic power, consequently unfolds in forms of struggle and resistance. In this context, training as*

¹ Formada em Serviço Social pela Universidade Estadual de Londrina e estudante de Mestrado no Programa de Pós Graduação em Serviço Social e Políticas Sociais na Universidade Estadual de Londrina

² Especialista em MBA em Governança Pública e Governamental (2018); Especialista em Recursos Humanos: Gestão de Pessoas e Competências (2012); Especialista em Trabalho Social com Famílias (2008). Graduada em Serviço Social - UNESPAR/FECEA (Faculdade de Ciências Econômicas de Apucarana - 2005).

an area of struggle and resistance, we have cultural and symbolic representations of the monk Jose Maria, in as healer, counselor and Prophet, which mobilizes leaders to the disputed war. The everyday present, through these historic spaces in the figure of the monk John Mary and Holy waters, lead to beliefs that lasts more than a hundred. In which, the strength of this culture, transmitted by the orality of the caboclo people, through faith in the Monk, that is configured as a form of resistance. Shows that the concrete space that is denied them, materializes in the construction of the symbology of the popular religiosity.

Keywords: *land, contested, resistance*

INTRODUÇÃO

Entender a formação do território não se limita a definição de espaço geográfico em suas dimensões políticas e limites de fronteiras. Engloba diversas relações que permeiam a vida cotidiana dos indivíduos que fazem usos desses espaços delimitados.

Este artigo é resultado de pesquisa bibliográfica e trabalho de campo, na região do contestado Paraná e Santa Catarina, realizado na disciplina de Tópicos Especiais em Política Social: A Lógica Territorial na questão das Políticas Sociais.

O trabalho de campo permite a observação do território do outro, um espaço permeado por particularidades a serem refletidas. A dimensão teórica apresentada na dinâmica das aulas pode ser comparada e repensada a partir dos elementos concretos e simbólicos vivenciados.

Nesse artigo objetiva-se analisar o aspecto cultural da religiosidade popular ligada a crença nos Monge João Maria, enquanto forma de luta e resistência, e como se preserva a identidade territorial, da crença nesses espaços sagrados. Pretende-se compreender como essas influências religiosas seculares ainda estão presentes na atualidade e se perpetuaram através da transmissão da cultura oral.

Para desenvolvimento do objeto de estudo, primeiro busca-se um breve o conceito de território e suas relações de poder e resistência. Segundo Milton Santos (1999, P. 8), “território é o lugar em que desembocam todas as ações, todas as paixões, todos os poderes, todas as forças, todas as fraquezas”, isto é, o local onde as pessoas vivem, constroem sua história, criam suas redes sociais e realiza a plenitude da sua existência.

Pode-se dizer então, que o território engloba as relações de poder, conflito e resistência que perpassam diversas dimensões concretas e subjetivas. Produto da realidade dos atores sociais, em sua capacidade de agir e produzir efeitos, nos indivíduos e grupos, formando sua identidade.

Apresenta-se em seguida um breve contexto da Guerra Civil na região do contestado que ocorre entre os anos 1912 à 1916, marcada pelo massacre e a extermínio do povo caboclo. Este

movimento social reprimido pelo Estado como caso de polícia, é suscitada por lideranças religiosas ligadas as manifestações místicas do Monge João Maria e movidos pelos problemas sociais da época.

Dentro desse contexto que marcaram a história daquele local, busca-se refletir sobre as representações culturais e simbólicas do monge José Maria, no qual a figura do Monge apresenta-se como curandeiro, conselheiro e profeta. Tem como premissa, analisar o aspecto cultural da religiosidade popular ligada a crença nos ensinamentos do Monge João Maria, enquanto forma de luta e resistência para preservar a identidade territorial. Pretende-se compreender como essas influencias religiosas seculares ainda estão presentes na atualidade e se perpetuaram através da transmissão da cultura oral.

Por fim analisar as configurações contemporâneas da religiosidade popular ligada a crença nos Monge João Maria, através análise de quatro locais simbólicos, com imagens e espaços sagrados ligados da transmissão cultural, como forma de luta e resistência do povo caboclo. Pesquisadores citam a existência de dois Monges que atuaram na região do planalto catarinense, de diversas origens e em diversas épocas, mais para o povo existiu apenas um monge denominado são João Maria. Ao qual, pela tradição cabocla são atribuídas muitas curas pelas “águas santas”, chás das cinzas de suas fogueiras ou das cascas das árvores onde dormia. (MACHADO, 2004, p. 165-168).

Partindo da existência secular e conservação desses espaços, na crença nos poderes santos e nos milagres atribuídos a são João Maria na atualidade. Busca-se refletir os elementos da memória coletiva, transmitida entre as gerações. O espaço concreto que lhes é negado, se materializa na construção da simbologia da religiosidade popular.

Território, relações de poder e resistência

Pensar o conceito de território, envolve refletir sobre suas diferentes concepções, pois ele não é um elemento estático, ou algo natural previamente estabelecido. O Território é o lugar construído pelos indivíduos em suas ações cotidianas e se configura através da apropriação do espaço, assim o autor Milton Santos define essa significação como território usado.

O território não é apenas o conjunto dos sistemas naturais e de sistemas de coisas, superpostas. O território tem que ser entendido como o território usado, não o território em si. O território usado é o chão mais a identidade. A identidade é o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é o fundamento do trabalho, o lugar da residência, das trocas

materiais e espirituais e do exercício da vida. (SANTOS, 1999, p. 7)

O conjunto material e social, dos diversos atores compõe a definição. O Território engloba as relações de poder, conflito e resistência, assim como as dimensões econômicas e simbólicas. É produto da realidade dos atores sociais, em sua capacidade de agir e produzir efeitos nos indivíduos e grupos, formando sua identidade.

As afirmações de RAFESTIN (1993, p.143), agregam o mesmo sentido no entendimento de território ao dizer que este é anterior ao espaço. Analisa-se o espaço como algo natural, já existe, no qual os atores se apropriam de forma concreta ou abstrata e o “territorializam”, dando a ele um sentido. Portanto o território se forma a partir do espaço, no qual se projetou um trabalho, modificado pelas redes de circulação, são marcadas por relações de poder.

A produção do espaço é ação cotidiana do homem e aparece na forma de ocupação de um determinado lugar em momento histórico, em que a produção da cidade aparece como manifestação espacial dos conflitos de interesses dos diversos agentes presentes nesse processo, associado ao desenvolvimento capitalista.” (FRAGA, 2007, p. 16)

A construção social nesse conceito tem como base a regulação do poder pelos meios de produção capitalista, que balizam o território para sua expansão e domínio.

O mesmo autor, aborda que ao fazer uma análise das várias noções de território produzidas por Rogério Haesbaert elenca três aspectos básicos e fundamentais para o objeto de análise da pesquisa sobre o território do Contestado, política, cultural e econômica.

[...] as políticas, referidas as relações espaço-poder ou jurídico-política, quando institucionalizada no poder político do Estado; a cultural, apontada como culturalista, também podendo ser vista como simbólico-cultural e priorizando a dimensão mais subjetiva; a econômica, muitas vezes economicista, menos difundida, voltada à análise como produto da divisão “territorial” do trabalho. (FRAGA, 2007, apud HAERSBAET, 2004, p. 40)

Queiroz (2016, p. 156) ao analisar o território usado, definido por Milton Santos, na totalidade da formação socio espacial, afirma que ele é composto pelo Estado na formação do território nacional, e faz uma analogia ao modo de produção capitalista e a formação social que ocorre simultaneamente a formação espacial.

Cada sociedade tem seu território como parte de uma extensão no, na qual mobilizada como elemento decisivo no estabelecimento de poder e controle. Por intermédio desse controle é possível a imposição de regras de acesso e de circulação, bem como a normalização de usos, de atitudes e comportamentos sobre esse espaço, “o território é a prisão que os homens constroem

para si”. (RAFESTIN, 1993, p. 144). Esse conceito reforça a ideia da contradição que mobiliza o território como um lugar de luta e resistência.

Pensando nessa concepção da lógica que compõe as relações de poder e dominação no território se faz é imprescindível, para análise do objeto estudado, apresentar os conceitos que Claude Rafestin sobre a religião.

A religião possui uma função de poder na lógica territorial, como mediador um sistema de símbolos e seus significados ligados a crença. Rafestin (1993, p.119) afirma que o fenômeno religioso é marcado por relações de poder, no qual se faz a distinção entre sagrado e profano. Estes são opostos e há “relações próprias no interior de cada um desses mundos e também relações recíprocas, mediatizadas pelos fatos políticos, sociais, culturais e econômico.” Cria dois padrões que se tornam referência na vida do homem religioso. As sociedades elaboram esses dois mundos, complementares e definidos um em contradição ao outro. Assim se exprime pela relação entre o homem e o sagrado expressa por meio de crença e ritos:

A religião, como a língua, pode também ser concebida como um instrumento cujas funções são múltiplas e complexas. Instrumento de comunicação, mas também, e até mesmo na essência, um instrumento de comunhão, manipulado pelas organizações. Enfim, um instrumento de comunicação do sagrado que pode ser definido como uma propriedade estável ou efêmera que pertence a certas coisas (os instrumentos do culto), a certos seres (o rei, o padre), a certos espaços (o templo, a igreja, o altar), a certos tempos (o domingo, o dia de Páscoa, de Natal etc.). (RAFESTIN, 1993 p. 120)

Portanto para Rafestam (1993, p. 124) as relações religiosas não são puras, uma vez que as grandes religiões são aquelas que conseguem controlar uma porções significativas da coletividade no espaço-tempo, ou seja, ocupar diversos lugares com seus valores religiosos. Esses sem dúvida subentendem relações políticas.

Assim, na análise de Rafestin, (1993 p. 124-127) sobre a relação entre estado e Igreja, historicamente, a religião pode servir como forma de resistência e oposição ao poder vigente. Afirma que:

A religião, ainda da mesma maneira que a língua, pode constituir o ponto de apoio da alavancada da resistência e da oposição. Fonte de um poder com um forte componente informacional, a religião pode permitir a junção de energias consideráveis e a formação de uma rede de resistência muito acerrada. (RAFESTIN, 1993, p. 126)

Nas diferentes concepções de território apresentadas das ações e apropriações pelos indivíduos do espaço, tem suas relações de formas abrangentes, ou seja, a partir da sociedade, que age de forma dinâmica e com interesses diversos, nos diferentes momentos históricos.

Deixa assim, exteriorizar-se a sua identidade e o seu pertencimento, estreitando a relação entre o indivíduo e seu território, que por vezes, pode configurar implicações em lutas de poder, resistência e conflitos.

Conflito, resistência no território do Contestado

Ao pensar as relações de poder, conflito e resistência existentes nos territórios, ocorreu a Guerra Civil na região do contestado, marcada pelo a genocídio do povo caboclo. A Guerra do Contestado, aconteceu entre os anos de 1912 a 1916, na região de fronteira entre Paraná e Santa Catarina, no qual os limites entre os dois estados, não estavam traçados no momento em que o Paraná se tornou província.

Nessa disputa quem mais sofria era a população cabocla que vivia em condições precárias, sob o regime coronelista. Analfabetos e isolados do restante do país, não conseguiam abstrair os elementos econômicos, políticos e sociais que desencadeavam a opressão na qual eram submetidos. Ao caboclo não era legitimado o estatuto de homem. (Auras, 1984).

Com a expansão do capitalismo na região esses problemas se intensificaram. Com investimento do capital internacional, a instalação da empresa Brazil Railway, responsável pela construção da ferrovia que ligaria São Paulo à Rio Grande e da madeireira Southern Brazil Lumber, madeireira que tinha o objetivo explorar as riquezas da região e recolonizá-la. Assim os caboclos que que viviam nesses entornos, foram expulsos de suas terras.

As novas regiões ocupadas pelas companhias, eram desmatas, depois loteadas e vendidas a colonos principalmente poloneses e ucranianos. Isso significou um impacto econômico e ambiental e com resultado da grilagem um processo de exclusão étnica (AURAS, 1984, p. 152). E após a eclosão do movimento de resistência, o massacre e extermínio do povo caboclo.

Religiosidade Popular no Contestado e a Fé no do Monge são João Maria

A religiosidade popular no contestado dá sentido a ação dos caboclos na resistência de sua realidade. No isolamento da vida rude cotidiana do sertanejo, oprimido pelo coronelismo, em sua busca na garantia de mínimos para sua sobrevivência, ele cria elementos para compor seu

próprio espaço, através dos discursos do monge, com o qual desenvolveram sua identidade histórica. (AURAS, 1984, p. 46)

A importância dessa representação religiosa é fundamental: como um discurso capaz de explicar, o seu modo o seu mecanismo das relações sociais de cuja transparência não é percebida senão assistematicamente pelo caboclo e como uma prática, ou seja, como uma forma desse caboclo agir e deixar registrada historicamente a sua passagem por este mundo. (AURAS, 1984, p. 47)

Era através dessa expressão religiosa que o caboclo se territorializava, pois este era o espaço concreto que dava significado a sua existência. Existia uma proximidade e uma identificação individual e coletiva através da vivência dessa religiosidade que lhes era própria.

O catolicismo rústico era impregnado de práticas mágicas de origem medieval europeia, indígena ou africana. Se apresenta oposto ao catolicismo oficial da igreja. Na época haviam poucos os sacerdotes ordenados na região, apenas no fim do século XIX franciscanos alemães se estabeleceram em Lajes e se espalharam por Curitiba e outros municípios da área.

Entre eles mais notável foi Frei Rogério Neuhaus. (QUEIROZ, 1966, p. 54). Frei Rogério nasceu em 1863, na paróquia de Borcken, na Alemanha. Dedicou-se aos estudos de filosofia, teologia, línguas, ciências gerais, retórica e poética. Foi ordenado em agosto de 1980 pela ordem dos Franciscanos e no final de 1981, foi enviado ao Brasil com mais sete religiosos.

Posteriormente, são enviados a região de Santa Catarina, pelo Bispo do Rio de Janeiro, devido reduzido número de sacerdotes. Em fevereiro de 1982 Frei Rogério chega a Lages, para assumir a vasta paróquia, cujo único vigário havia falecido em outubro de 1891. (AURAS, 1984, p. 52-54)

O monge começou a circular pelo planalto no final da década de 1840 até o início de século XX, evitava concentrações de fiéis em seu redor, após ser preso acusado de prática de curandeirismo em Rio Grande do Sul. Vivia peregrinando e não permitia que os fiéis o acompanhassem. Parava ao largo das casas, geralmente embaixo de uma árvore e dormia ao relento, erguia cruzeiros e sinaliza as fontes de “aguas santas” (MACHADO, 2004, p. 164)

Segundo PINHEIRO (2004, p. 164), Oswaldo Cabral realizou detalhada pesquisa sobre a figura do Monge e, existiram pelo menos dois monges que exerceram a função no planalto catarinense.

O primeiro chamado João Maria de Agostinho (1844-1870) e João Maria de Jesus (1890-1908). A figura do Monge curandeiro, conselheiro e profeta, pode ter diferentes origens, em épocas distintas, mas para o povo existiu apenas um monge, chamado São João Maria.

Douglas Monteiro afirma que a “atividade dos monges” – os dois João Maria – “estava a serviço e era a expressão da autonomia do mundo religioso rústico” autonomia que” manifestava [...] através de praticas mágico-religiosas ligadas ao tratamento de meléstias a recursos de recursos de autodefesa e proteção e à tradição das festas dos padroeiros locais” (PINHEIRO, 2004, p. 166, apud. MOINTEIRO, 1974, p. 81)

Atribui-se também como monge, um terceiro, chamado José Maria, que não será referenciado como objeto de análise. Tomando como base WALTER (2007, p. 56) os ritos atuais que se preservam na religiosidade do monge na contemporaneidade, destaca-se “João Maria a partir de sua consagração como santo, denominado como São João Maria”. Reafirma segundo CABRAL (1979) “a hipótese da superposição identitária entre os diversos monges e preocupa-se em definir qual deles foi canonizado pelo povo”. Sugere que teria sido aquele João Maria que circulou pelo sul do Brasil no século XIX, e não José Maria, morto em combate durante a Guerra do Contestado.

Segundo MACHADO (2004, p. 168) a tradição cabocla atribui muitas curas a ação do monte e das “aguas santas”, do chá que era feito das cinzas da fogueira ou da casca da árvore onde ele dormia, assim como as suas rezas, chá de vassourinha e ou “erva de são João Maria”, encontrados em campos e capoeiras do planalto.

O monge falava com linguagem simples e despojada como o mais simples deles, vivia as mesmas condições de vida, não possuía terra, não cobrava pelos serviços prestados e os presentes que lhe eram oferecidos, ele distribuía entre seus inúmeros afilhados. (AURAS, 1984, p. 50)

Os ensinamentos do Frei Rogério apresentava aos caboclos, um universo simbólico que lhes era estranho, oposto aos ensinamentos do Monge. Como vemos nas afirmações de AURAS (1984, p. 56-57), cita o exemplo da confissão, a qual resistiam. Interpreta que essa pratica lhes remetia a uma forma de julgamento individual, enquanto o monge ao pregar o “fim do mundo” os remete a um julgamento coletivo.

Isso nos permite entender que o que dava significado a vida cotidiano do povo caboclo era o espírito de irmandade, de união, de partilha, ligada ao pensamento messiânico. A figura do messias remedia a felicidade pela, ao fim de toda opressão a qual eram submetidos.

A religiosidade popular era algo que construído por eles, com a qual eles se reconheciam como sujeito. Observa-se também a busca da dominação do território religioso rústico do caboclo pela Igreja Católica, na qual se estabelece a luta e resistência.

Essas relações de poder e resistência se evidenciam ao analisar, religião constitui-se um meio de identidade, pela transmissão de valores pela cultura, oral e escrita. E nesse contexto a

Igreja, uma organização como qualquer outra, “procura se expandir, reunir, controlar e gerenciar”. O Estado por sua vez se manipula a religião, por aproximação ou negação, em códigos dissimétricos, para assentar seu poder, por meio de uma estreita relação com Igreja. (RAFFESTIN, 1993, p. 125).

Nota-se que esse choque cultural, por MACHADO (2004, p. 171) reafirma que a atuação do clero Alemão, havia um distanciamento dos ritos da igreja tradicional entre os que se declaravam católicos. O Povo fazia grandes festas religiosas, com muita comida e dança.

O “catolicismo popular” caracteriza-se por agregar práticas e reinventar significados que se modificam de região para região. Ao citar Pedro Ribeiro de Oliveira afirma que “o catolicismo popular é uma ‘auto-produção do grupo camponês’, por se contrapor àquela dos especialistas que procuram ter o monopólio dos sacramentos e dos ensinamentos’, ‘é uma reinvenção do código oficial” (MACHADO, 2004, p. 172 apud. OLIVEIRA, 1985, p. 144).

Vemos que a “religiosidade cabocla era o espaço no qual, fundamentalmente, os homens marginalizados construíam suas formas de resistência e luta face ao cotidiano opressor. Por isso a defendiam com grande tenacidade.” (AURAS, 1984, p. 50)

Assim AURAS (1984, p. 51) afirma que esse discurso religioso, era transmitido, sobretudo via oral, de geração em geração e pode ser observada através da perpetuação da figura da imagem do monge e nos espaços sagrados até hoje.

Configurações na atualidade da transmissão cultural, como forma de luta e resistência do povo caboclo

Ao visitar a região do contestado, no qual encontram-se alguns desses lugares santos, vê-se a uma preservação de transmissão oral dessa religiosidade, que ainda representa essa dicotomia entre catolicismo rustico e o catolicismo ortodoxo, os locais são cercados por um sincretismo religioso, que agrega as mais diversas manifestações religiosas. Entre os locais observados elenca-se quatro espaços simbólicos na transmissão cultural. Na visão multifacetada da religiosidade que distingue o sagrado e o profano. Evidencia-se intervenção do Estado nesses espaços e as iniciativas populares de manutenção do seu legado histórico.

Cem anos após a passagem do monge por essa região, vemos que a devoção permanece, na preservação dos locais das águas santas, que reúne muitos fieis, dos diversos estados. Alguns desses locais foram apropriados pelo governo, como locais de preservação e transformados em parques turísticos como no caso do Parque do Monge João Maria, localizado no Morro da Cruz, em Porto União, Santa Catarina.

O Parque foi inaugurado em 2008, localizado do alto do morro possui vista da cidade.

Figura 1 – Parque do Monge, Porto União, SC - Imagem do Monge são João Maria



Fonte: Foto do autor, 2018

Na figura 1, apresenta-se a imagem do monge, marcada pelos traços culturais do sincretismo religioso. Há vários adornos, imagens, velas, que remetem as mais diversas denominações religiosas. O lugar é cercado por uma simbologia dos ensinamentos transmitidos pelo monge.

Poucas informações são encontradas sobre o local, no site oficial do município. Nas informações sobre turismo religioso cita que João Maria esteve em Porto União em 1896 e abençoou a água que jorra no pocinho, “tornando-se local de peregrinação, além de ter feito várias profecias”. Na figura 2 a imagem da gruta onde se encontra o pocinho de água abençoado por São João Maria.

Figura 2 - Parque do Monge, Porto União, SC - Gruta fonte de Água Santa de São João Maria



Fonte: Foto do autor, 2018

Na gruta que podemos sentir a força da fé na santidade do monge, nos diversos elementos subjetivos externada, pelos devotos, que acreditam no poder místico da fonte de água.

Existe outro Parque semelhante a este na cidade da Lapa no Paraná, o Parque estadual do Monge. Tania Walter (2007) fez uma análise sobre o parque da Lapa:

Considera que o espaço tornou-se sagrado porque os homens lhe dão este sentido, o revestem com este significado. Para os devotos de João Maria, a sacralidade do local deve-se à passagem deste por ele. Porém são os devotos que reforçam esta sacralidade quando visitam o Parque, percorrem a via sacra até a gruta, e expressam através de alguns rituais que consideram indispensáveis para a obtenção da graça solicitada. (WALTER, 2007, p. 20)

Encontramos a mesma simbologia no Parque situado em Porto União, no qual os devotos do monge deixam suas ofertas, marca da sua crença em possíveis graças alcançadas. Evidencia-se a influencia do monge na população que visita o local, como um significativo símbolo material referente à existência de João Maria.

Na mesma cidade na Praça do Contestado, inaugurada 22 de setembro de 2012, em memória ao centenário da guerra. Localizada na linha da divisa entre os dois estados, há uma estátua de bronze, em tamanho real, do Monge João Maria, do escultor confeccionada pelo escultor Cido Moraes, de São Paulo. Não há nenhuma indicação, placa ou descrição de quem se trata, aquela imagem.

Nesse monumento que representa o centenário da guerra, denotamos uma contradição inegável, pois o Estado que os condenou por crime de “fanatismo religioso”, lhes proporciona elementos que legitimam a sua luta.

Figura 3 Estátua de bronze do Monge João Maria - Praça do Contestado Porto União, SC



Fonte: Foto do autor, 2018

Apesar de não estar localizada em um espaço sagrado para o povo, ressalta-se a simbologia que a escultura representa. Apresentar uma imagem muito expressiva da figura real de como o Monge e descrito nos relatos históricos e nas fotos de registro. Carregada de detalhes ela prefigura a imagem da luta do povo caboclo.

Apresenta um poder simbólico real nos indivíduos que a cercam, são o registro da crença no monge. Como vê-se nas afirmações de SILVA (2014. p. 58) ao analisar as fotografias históricas desse santo caboclo, ao dizer que “no senso comum, quem a olha, não se preocupa com a ‘arte’ do fotógrafo, mas que a fotografia é um registro do personagem de sua devoção.”

A premissa da preservação do local privado, localizado no Sítio Histórico do Quilombo do Rocio dos Pretos, no município de Matos Costa, SC, na qual se encontra uma fonte de São João Maria em um local privado, provavelmente preservada pelo povo da região.

Figura 4 -Fonte de São João Maria, Sítio Histórico do Quilombo do Rocio dos Pretos – Matos Costa, SC



Figura 5 – Cruz, Sítio Histórico do Quilombo do Rocio dos Pretos – Matos Costa, SC



Fonte: Foto do autor, 2018

A fonte encontra-se cercada como nos relatos descritos pelos historiadores. Um local sagrado de devoção que ressalta a passagem do Monge José Maria pela região.

Atribui-se também propriedades miraculosas à água da nascente ou do riacho onde o monge bebêra. Enchiam-se garrafas e as transportavam a longas distâncias. Muitas vezes se erguia no pouso uma cruz de cedro não falquejada, que depois tornava a brotar e virava arvore: proclamava-se que era um milagre. Em geral o lugar ficava sagrado. Frequentemente os moradores o cercavam, e ali vinham rezar na semana santa. Ainda hoje se podem ver alguns desses locais espalhados pela área, e mais de cinquenta anos depois, não terminou a devoção. (QUEIROZ, 1966, p. 46-47)

No município de Lebon Regis, temos a capela na Serra da Boa esperança, e ao lado uma gruta que foi construída com uma fonte de são João Maria, figura 6. Segundo relato dos moradores locais, a fonte de água, e local do poso do monge, está localizada no auto do morro. Por se tratar de local de difícil acesso, principalmente para os idosos e crianças, fizeram canalização, para trazer a água próximo a igreja.

Figura 6 - Capela da Serra da Boa Esperança - Município de Lebon Regis



Fonte: Foto do autor, 2018

A imagem aponta a dicotomia entre catolicismo rústico e da Igreja Católica, que se cruzam e congregam significas e a preocupação em manter vivo seu legado cultural.

A partir de dados empíricos, afirma-se que João Maria continua sendo, para os sertanejos, um santo que faz milagres, nas curas incorporadas as águas, cujos pousos são lugares santos e pontos de peregrinação e que ainda vive nos cruzeiros, nas árvores e nas grutas que o abrigaram, não apenas no imaginário popular, mas materializado no território.

A transmissão cultural na forma oral, a preservação desses lugares e as publicações dos estudos acadêmicos, registam a história do povo caboclo do contestado. E que apesar do genocídio cometido pelo Estado, o legado de resistência foi ressignificado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises apresentadas sobre o território, mostram o uso, a apropriação e os significados das diversas camadas da sociedade. Na região do contestado através da expressão da religiosidade popular, o catolicismo rústico deu um significado a sua existência.

O povo caboclo apresentava uma forma objetiva, de negação a ordem vigente opressora. Faziam parte de uma forma de civilização, que lhes foi negada. O universo dos elementos concretos da sua existência na composição das suas territorialidades, foram marginalizadas e desapropriadas.

A existência desses espaços sagrados, evidenciam a força da cultura e da resistência desse povo, que ainda sofre com a opressão e o esquecimento. O panorama social não se apresenta de modo diferente ao contexto da guerra. Apenas assumiu uma nova prefiguração dos moldes da atualidade. As terras continuam concentradas nas mãos das madeiras e dos produtores de pinos, a população não tem acesso à terra.

Em meio a esse cenário de repressão, que perdura na atualidade, vale ressaltar que cultura secular prevalece e fortemente sentida no território. Na experiência de campo, evidencia-se o espírito de liberdade, de filiação, de irmandade. No jeito simples do sertanejo a acolhida em dividir o pouco que se tem. A partilha da cultura e dos ensinamentos, na doação e na bondade, como nos ensinamentos de São João Maria.

Nas suas representações concretas e simbólicas denomina uma marca de resistência nesse território. Apesar do massacre nas incontáveis mortes, na tentativa de genocídio a cultura sobrevive e se perpetua.

REFERÊNCIAS

AURAS, Marli. **Guerra do Contestado**: A Organização da Irmandade Cabocla. Florianópolis: Ed. UFSC: Assembleia Legislativa; São Paulo: Cortez e Livraria, 1984. Ed. Ilustrada.

FRAGA, Nilson Cesar. **Território, Região, Poder e Rede**: Olhares e Possibilidades conceituais de aproximação, *Relações Internacionais no Mundo Atual*, Curitiba, n. 7, p. 9-35, 2007.

MACHADO, Paulo Pinheiro. **Lideranças do Contestado**: A formação e a Atuação das Chefias Caboclas(1912-1916). Campinas, SP: Editora Unicamp, 2004.

PORTO UNIÃO. Disponível em: turismo.portouniao.sc.gov.br//equipamento/index/codEquipamento/10549. Acesso em agosto de 2018.

QUEIROZ, Maurício Vinhas de. **Messianismo e conflito social**: a Guerra Sertaneja do Contestado (1912-1916). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

SILVA, Luiz Carlos. **Do retrato ao signo**: a imagem como parte constitutiva de uma crença. *Domínios da Imagem*, Londrina, v. 8, n. 15, p. 69-97, jun./dez. 2014.

TEIDER, Tania Mara Muller; FRAGA, Nilson Cesar. **O contestado Vive!**: entre o espaço sagrado de João Maria e o Assentamento contestado, resistências sobre a invisibilidade secular na Lapa – PR. *Geographia Opportuno Tempore*, Londrina, v. 3, n. 3, p. 184 – 198, 2017.

WALTER, Tania. **O profeta São João Maria continua encantando no meio do povo: um estudo sobre os discursos contemporâneos a respeito de João Maria em Santa Catarina, 2007.** Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social.

SANTOS, Milton. **O dinheiro e o Território.** Universidade de São Paulo, Geographia – Ano. 1 – No 1 – 1999

QUEIROZ, Thiago Augusto Nogueira. **Espaço Geografico, Território Usado e Lugar: Ensaio Sobre o Pensamento**